



CERRO DO OURO

Coralio Bragança Pardo Cabeda

O artigo descreve episódio ocorrido no decurso da Revolução Federalista de 1893, cujo centenário está sendo comemorado. Assunto de interesse particular para os pesquisadores da nossa História Militar.

No domingo, 27 de agosto de 1893, os federalistas, sob o comando de Gumercindo Saraiiva, obtiveram significativa vitória que, além de reavivar-lhes o ânimo, bastante abalado desde o Inhanduí, proporcionou-lhes os recursos de que tanto necessitavam para o prosseguimento da luta.

As repercussões dessa vitória, alcançada no combate do Cerro do Ouro, município de São Gabriel (RS), foram de molde a aumentar o prestígio daquele chefe, inegavelmente o mais famoso dos caudilhos maragatos.

A ameaça que representava mobilizou todos os esforços governistas para a sua eliminação, que só seria concretizada um ano depois, no Carov.

Cerro do Ouro foi uma vitória tática e estratégica, na qual se frustrou manobra de cerco, batendo-se o inimigo em

campo raso antes que pudesse realizar a junção planejada. A decisão foi obtida pelas cargas de cavalaria, explorando-se o defeituoso dispositivo do adversário. Por tudo isso, torna-se merecedor de uma reconstituição comentada.

ANTECEDENTES

Razões até hoje controvertidas levaram os federalistas a retirarem-se do campo do Inhanduí, quando muitos imaginavam terem a vitória ao alcance da mão, mantendo o inimigo sob cerco e com recursos escasseando. Essa retirada (04.05.1893), somada à pressão das colunas governistas de Hipólito Ribeiro, Rodrigues Lima, Xavier da Câmara e João Telles, obrigou-os a buscar a proteção da linha fronteiriça. Embora à duras penas tenham conseguido furtar-

se à manobra de aniquilamento, não puderam evitar o combate com a vanguarda de João Telles na travessia do Upamaroti (12.05.1893). Ali, destacou-se a 4ª Brigada do coronel Francisco Rodrigues Portugal, cujas unidades deram impetuosa carga de cavalaria. As forças de Joca Tavares foram salvas pela divisão de Gumercindo Saraiva, que sustentou a retirada dos companheiros.

Na ordem-do-dia do general Telles sobram elogios para Portugal e seus comandantes, José Narciso Antunes, Eduardo Ferreira Bica Filho, Antônio Cândido Vaz de Oliveira e Fabricio Batista de Oliveira Pilar.

No dia seguinte, à sombra do famoso umbu, tão citado pelos historiadores, reuniram-se os chefes federalistas para decidir o futuro da Revolução. Tantas eram as dificuldades, que tudo poderia terminar por ali. Mas, Gumercindo Saraiva e alguns poucos recusaram-se à emigração. O caudilho manteria viva a rebelião, internando-se na campanha e fazendo a guerra de movimento. Com isso, daria tempo ao exército federalista para refazer-se e reequipar-se em território uruguaio.

Levantando quanta cavalaria pudesse, recurso fundamental para esse tipo de guerra, e movendo-se com a habilidade e a rapidez de quem está em seu elemento, Gumercindo saberia como ninguém fazê-la à gaúcha, negaceando, retirando e caindo de surpresa sobre o inimigo desprevenido.

Esquivando-se dos engajamentos a fundo, que lhe pudessem comprometer o armamento e a munição, sempre escassos e de difícil reposição, escaramuçou com a Brigada Portugal, nas pontas do Jaguari (17.06.1893), com Menna Barreto, no Pirai (20.06.1893) e na Serrilhada (23.06.1893), com Elias Amaro e Manuel Pedroso, no Cerrito (18.07.1893), e incursionou por Pedras Alta, Herval, Arroio Grande e Jaguarão. Mas não foi tolo para deixar-se enfiar no fundo de saco que é a cidade do Rio Grande, onde o aguardava o almirante Wandenkolk. Retornando sobre seus passos, foi fazer junção com o general Salgado, às margens do Santa Maria (03.08.1893).

A MARCHA DE GUMERCINDO E SALGADO

Salgado voltara a invadir o Rio Grande, surgindo no Ponche Verde, em 17 de julho, à frente de 800 homens, "mal armados, mal equipados e mal montados", segundo Antônio Augusto de Carvalho, seu chefe de estado-maior. São apenas 150 clavinas, 9.000 tiros, uma centena de lanças e simulacros falquejados. Mas traz o título de general comandante-em-chefe do Exército Libertador Rio-grandense, em papel passado por Joca Tavares...

Gumercindo aceitou, pelo menos aparentemente, a chefia do outro, um

coronel de infantaria que comandara o 6º BI em Uruguaiana.

Agora, são uns 2.000 homens com a responsabilidade de reavivar as brasas da Revolução, dependentes quase que só dos recursos capturados ao inimigo. Entrementes, é mister marchar, pois o marechal Isidoro Fernandes, em Santana do Livramento, e o general Antônio Joaquim Bacellar, na Coxilha de São Sebastião, aprestam-se para dar-lhes combate. A disparidade de forças e de meios sinaliza a marcha para o norte, passando entre as forças oponentes, no rumo de Caçapava e da Encruzilhada. Lá, aguardariam os atiradores pedidos a Rafael Cabeda, supostamente disponíveis e armados, mas que nunca chegariam. Salgado e Gumercindo marcham em colunas paralelas, de modo a se protegerem e cobrirem a maior área com seus potreadores. Arrebanham 6.000 cavalos, facilitando a sua remonta e privando-a ao inimigo. As armas e munições, sempre tão carentes e sem as quais não se poderá prolongar a guerra por muito tempo, são afanosamente buscadas por colunas expedicionárias, enviadas aos quatro cantos, Dom Pedrito, Lavras, Caçapava, São Sepé, Cachoeira, Encruzilhada, Alegrete e Quaraí, a cargo dos melhores e mais vaqueanos chefes. A um deles, o coronel Gaspar Barreto, também é confiada a missão de cortar os trilhos entre Cachoeira e Santa Maria, a fim de embaraçar o deslocamento rápido das tropas governistas, não sendo, entretanto, bem sucedido.

O PLANO GOVERNISTA

A 22 de agosto, acampados no arroio Santa Bárbara, tiveram as forças de Salgado notícias da presença do general Portugal nas pontas do Camaquã, imediações da Serra do Acampamento Velho. Portugal era uma das peças-chaves da operação de cerco montada pelo governo. As outras, a guarnição federal de São Gabriel, comandada pelo coronel Jorge Diniz Santiago, a divisão do norte, forte de 3.000 homens, ao mando do general Rodrigues Lima e do senador Pinheiro Machado, e a coluna do general Bacellar, com 1.000 homens aproximadamente. Lima e Pinheiro Machado marchariam de Capela de Saicã; Portugal, apoiado por Diniz Santiago, de São Gabriel; e Bacellar, do Piraizinho. Reunidos, seriam mais de 5.000 homens das três armas, efetivos e meios muito superiores a tudo o que Salgado e Gumercindo poderiam opor. Para tanto, era necessário, além do plano, boa coordenação de ações entre os comandos governistas. Aos revolucionários, restavam duas alternativas, iludir o cerco ou bater aquela força antes da junção. Veremos que esta última foi a preferida.

AS FORÇAS EM CONFRONTO

A brigada do general Francisco Rodrigues Portugal contava com 900

homens aproximadamente, formada de corpos de cavalaria da Guarda Nacional de São Gabriel e um de Santa Maria. Vale dizer, unidades de civis ou "patriotas" militarizadas. Correspondia a pouco menos da metade do efetivo adversário, embora melhor armada e municada. Por razões desconhecidas, a guarnição federal daquela cidade, dotada de artilharia, que deveria acompanhá-la permaneceu nos quartéis. Documentos capturados posteriormente pelos federalistas falavam das queixas de Portugal à inação do coronel Diniz Santiago e do general Bacellar, este último acampado no Tabuleiro (Lavra) localidade relativamente próxima àquela em que se feriu o combate.

A Brigada Portugal (algumas fontes tratam-na impropriamente de Divisão) estava dividida em duas colunas, comandadas pelos tenentes-coronéis Hermenegildo Laureano da Silva e João Fernandes Barbosa. Levava, ainda, como espécie de "comissário político", o Dr. Fernando Abbott, político de prestígio, republicano histórico e que, até recentemente, exercera o governo do estado. Era uma força que estava em operações desde o início da revolução e que já se batera com os mesmos adversários em outras ocasiões. A tropa federalista, ou "Exército Libertador Rio-grandense", estava dividida em dois "corpos-de-exército", o 1º sob o comando de Gumercindo Saraiva e o 2º, do próprio general-em-chefe, Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado. Com efetivo

aproximado de 2.000 homens, dos quais uns 500 dotados de armas de fogo (clavinas e fuzis de vários tipos) e pouca munição, tinha o seu forte na cavalaria, comandada por chefes como Aparício Saraiva e Torquato Severo, que conquistaram justificado renome durante a guerra civil.

O COMBATE

No sábado, 26 de agosto, a vanguarda de Gumercindo tiroteava com a força do tenente-coronel Hermenegildo, postada no Passo dos Carros, sobre o arroio do Salso. A uma légua do local, no Cerro do Ouro, permanecia em reserva o restante da brigada, sob o comando do general Portugal. Ao cair da noite, deixando fogueiras acesas nas alturas em frente ao passo, Gumercindo contornou a posição inimiga e mandou abrir uma picada na mata do arroio, quase em frente à posição de Portugal. De madrugada, aproveitando-se da cerração, vadeou o Salso com o 1º Corpo, surpreendendo o adversário, que o imaginava mais acima, no Passo dos Carros. Após curto e cerrado tiroteio, foi dado o toque de carga, pois a força revolucionária, como de hábito, não dispunha de munição suficiente. A pouca profundidade do dispositivo de Portugal, duas linhas extensas e rarefeitas de atiradores, facilitou a tarefa dos lanceiros maragatos. As cargas de cavalaria em forrageadores destroçaram-nas uma

após outra. Todos os quadrados formados foram rompidos. O tenente-coronel Hermenegildo, que continha o 2º Corpo do general Salgado no Passo dos Carros, procurou reunir-se a Portugal, cuja força vacilava e começava a retirar. Em pouco tempo, a retirada transformou-se em debandada. O engarrafamento de homens, animais e viaturas no "apertado", estreita passagem entre dois cerros, aumentou a confusão e o morticínio. O aproveitamento do êxito levou os lanceiros federalistas às portas de São Gabriel, a cinco léguas do campo da luta. Ao aproximarem-se da ponte do Vacacaí, receberam dois tiros das peças da guarnição. A tanto se reduziu o apoio do coronel Diniz Santiago...

O número de mortos foi avultado entre os vencidos, chegando as estimativas a 300, ou seja, 30% do efetivo da brigada! Entre eles, o tenente-coronel João Fernandes Barbosa, lanceado antes de poder montar a cavalo. Prisioneiros, poucos, considerando-se a catástrofe, algo mais de meia centena, dos quais o mais graduado foi o venerando tenente-coronel Manuel João Marinho, comandante de um dos corpos. O butim foi importante e o carcheio permitiu vestir muito soldado mal de roupa... A parte oficial de Gumercindo relaciona 221 *Comblains*, 5 *Spencers*, 3 *Remingtons*, 1 *Mauser*, 124.250 tiros de *Comblain*, espadas, lanças, barracas, ponchos, carretas, carroças, cargueiros, arceios, víveres, etc. O suficiente para

reabastecer os federalistas e permitir o prosseguimento da campanha.

Cerro do Ouro foi uma desforra, com juro, de Upamaroti, alcançada praticamente só por Gumercindo e seu 1º Corpo. Salgado, detido no Passo dos Carros, participou apenas da perseguição. Apenas o tenente-coronel Isidoro Dias Lopes, da sua força, com o 7º Regimento, tomou parte no combate, formado à direita do dispositivo de Gumercindo. Seu depoimento, meio século depois, ainda é peça importante para a história da revolução.

CONSEQÜÊNCIAS DO COMBATE

O esmagamento da Brigada Portugal deixou quase à mercê dos vencedores a praça de São Gabriel. Como vimos, a inexplicável inatividade da sua guarnição, que deveria ter apoiado Portugal, facilitou a tarefa de Gumercindo. Nunca se soube ao certo as razões dessa atitude. Segundo fontes federalistas, soldados aprisionados no combate informaram da recusa da tropa federal em marchar para a luta, o que é difícil confirmar. O antigo chefe do estado-maior de Salgado afirmou que era intenção atacar a cidade no dia seguinte, 28 de agosto, o que não se concretizou pela aproximação da divisão do norte e da coluna Bacellar. Salgado aspirava a incorporar a artilharia e os demais recursos da guarnição.

Ângelo Dourado, chefe do Serviço de Saúde federalista, teria proposto, com apoio de Gumercindo, convidar a guarnição a aderir. Salgado ter-se-ia oposto, preferindo uma demonstração de força. Seja como for, São Gabriel não foi tomada, nem os seus recursos incorporados aos federalistas o que os deixaria em situação bélica invejável. Entretanto, reabastecidos com os despojos da Brigada Portugal, puderam marchar em direção ao Ibicuí e iniciar a grande marcha que chegaria às portas de São Paulo.

A estrela de Gumercindo começava a refulgir, fazendo sombra ao comando do general Salgado. Talvez, por essa razão, ainda quente as cinzas do Cerro do Ouro, começaram os atritos entre os dois chefes...

Isidoro Dias Lopes considera nulos os conhecimentos táticos e estratégicos de Gumercindo, reconhecendo-lhe, entretanto, a coragem, a astúcia e a aptidão de guerrilheiro. Quanto a Salgado, foi mais severo. Inapto à guerra de guerrilhas pela sua formação, teve a sua conduta na campanha considerada "altamente medíocre". A pesar desses juízos pouco abonadores, o certo é que ambos se constituíram em séria ameaça para Castilhos e Floriano, pondo em evidência

as deficiências militares do País que, poucos anos mais tarde, em Canudos, atingiriam o seu ponto mais crítico em termos de doutrina, organização e operacionalidade.

Ironicamente, ao marcharem do Cerro do Ouro, avistaram os maragatos a coluna do general Bacellar, que chegava com um dia de atraso...

FONTES

CARVALHO, Antônio Augusto de. *Apostamentos sobre a Revolução do Rio Grande do Sul. O General Salgado*, Montevideo, Imprensa El Siglo Ilustrado, 1895.

GUASINA, Luiz de Senna. *Diário da Revolução de 1893* (manuscrito), Porto Alegre, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

DOURADO, Angelo. *Voluntários do Martirio*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1979, 3ª edição fac-similada da edição de 1896.

LOPES, Isidoro Dias. Depoimento, in Magalhães, Cel J.B., *A Consolidação da República*, ed. da Biblioteca Militar, Rio, 1947.

ESCOBAR, Wenceslau. *Apostamentos para a História da Revolução Rio-grandense de 1893*, Porto Alegre, Of. G. da Livraria do Globo, 1920.



CORALIO BRAGANÇA PARDO CABEDA — natural de São Gabriel (RS), economista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1967); técnico do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE); ex-bolsista da OTCA (Japão); sócio efetivo do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e do Círculo de Pesquisa Literária (CIPEL), de Porto Alegre, do qual foi Presidente em 1987/88. Prestou serviço militar no 3º BECmb (Cachoeira do Sul, RS). Medalha Marechal Hermes concedida através da Portaria 2.306, de 11.11.1962, do Ministro da Guerra.